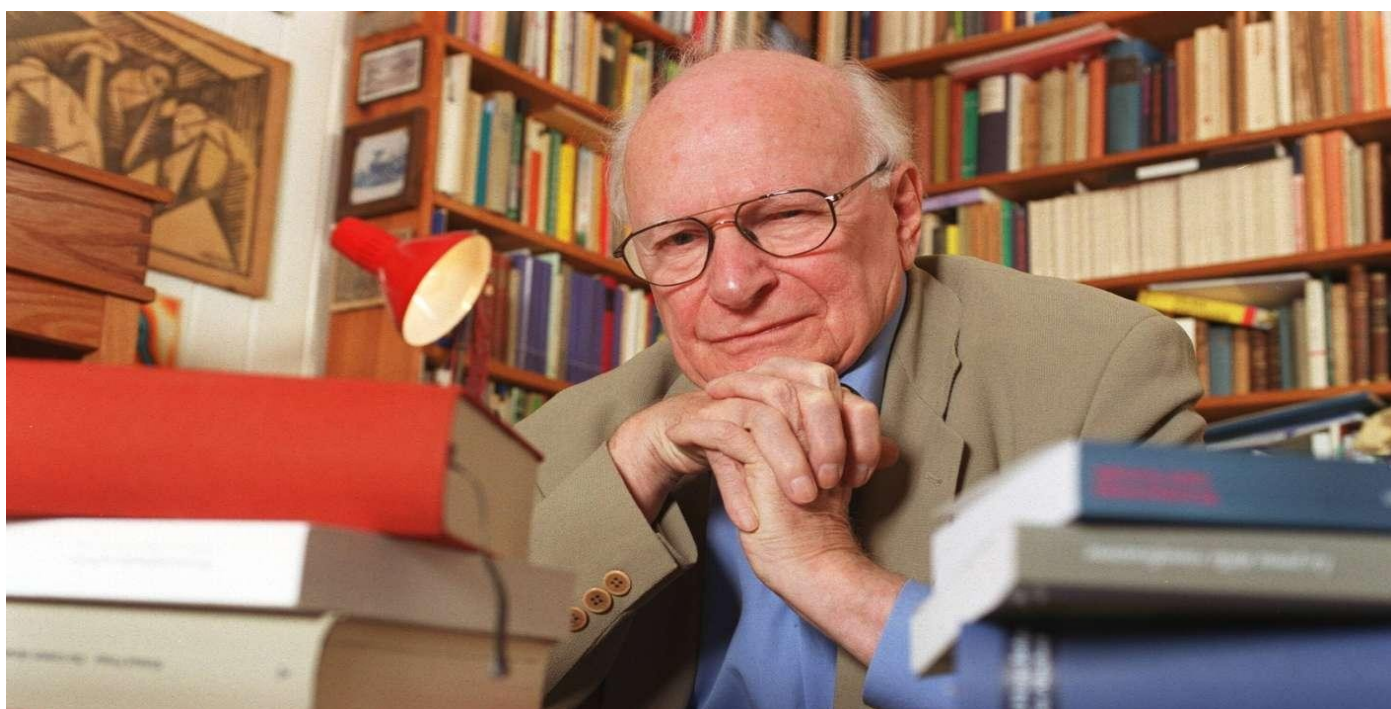
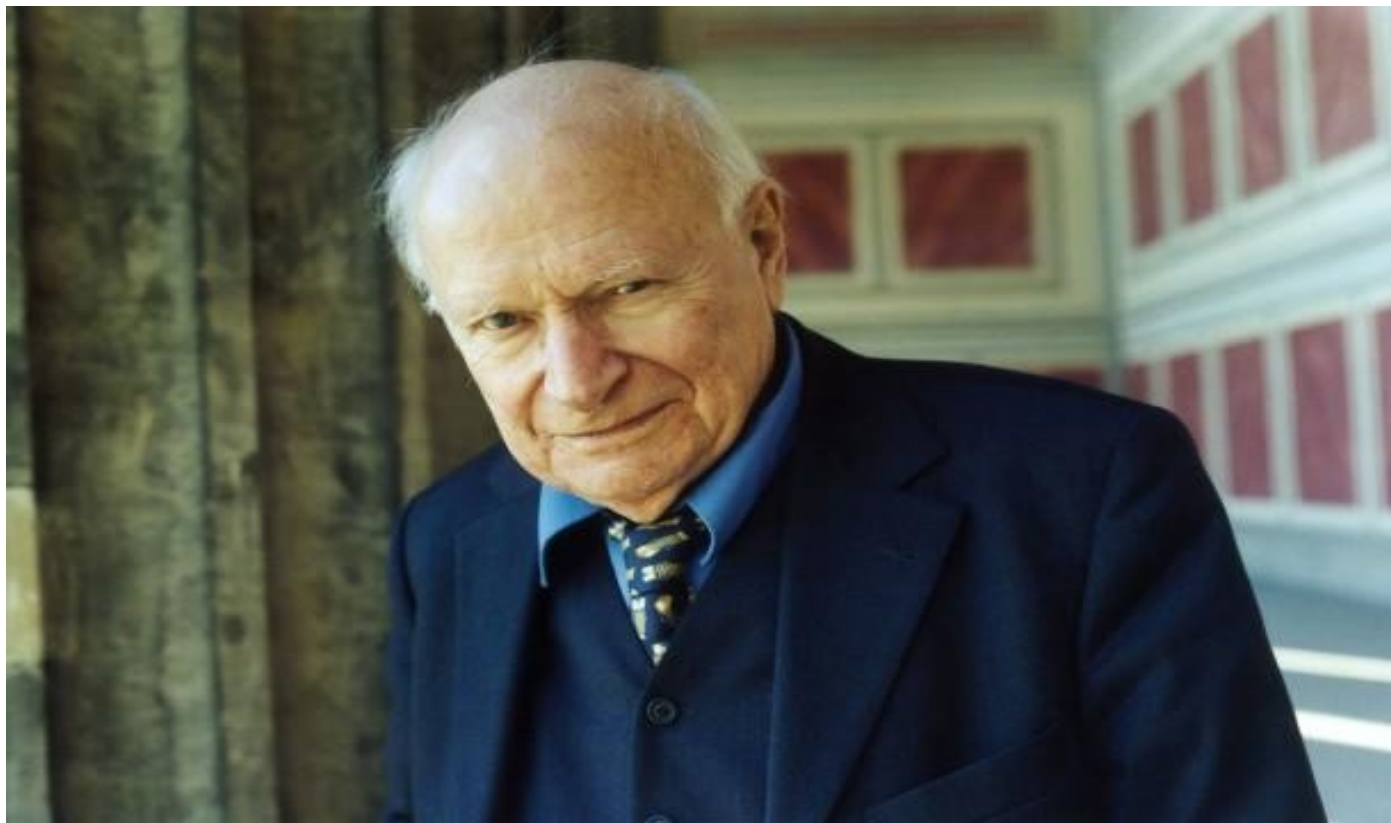


Koselleck & Carl Schmitt

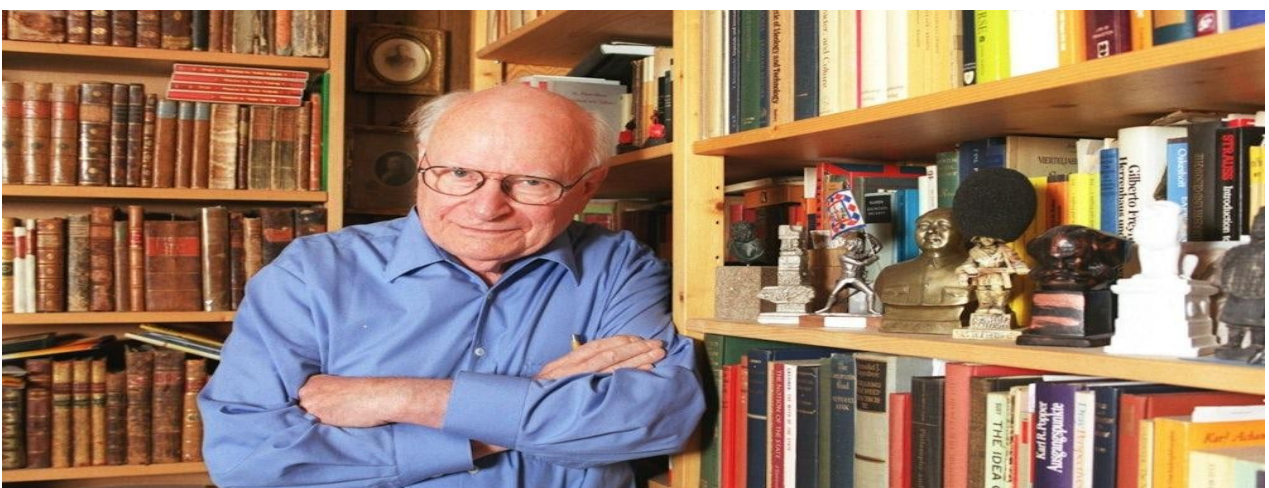
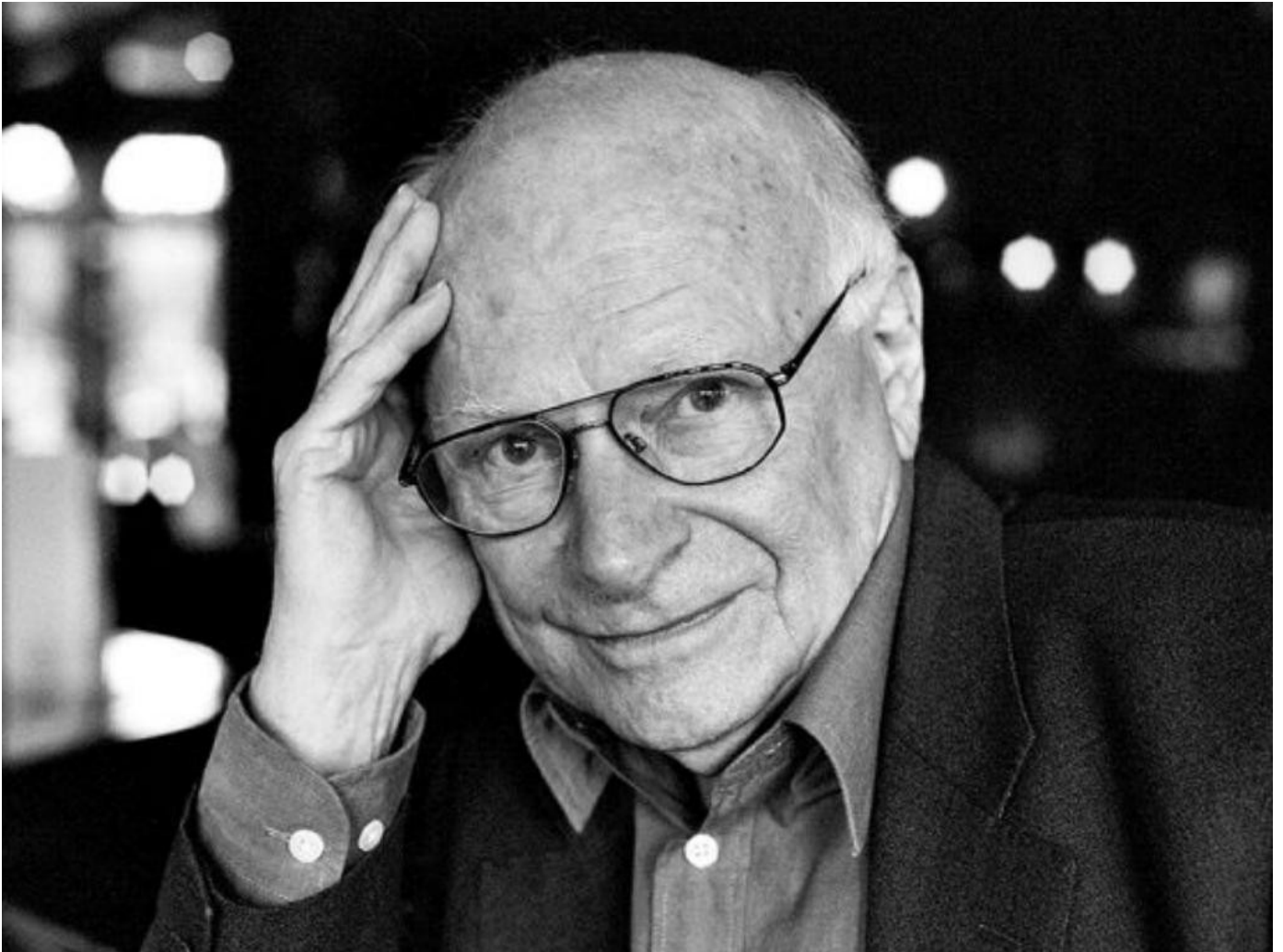
Reinhart Koselleck foi um **historiador e teórico da história alemão**, nascido em **1923** e morto em **2006**. Ele é particularmente importante para nós porque foi um dos principais formuladores da chamada **história dos conceitos** (*Begriffsgeschichte*).



Koselleck & Carl Schmitt



Koselleck & Carl Schmitt



Por que ele é importante?

Koselleck não estava interessado apenas em descobrir **o que aconteceu no passado**. Ele fazia uma pergunta adicional:

Como as pessoas de determinada época conseguiam pensar e expressar aquilo que estava acontecendo?

Daí a importância das **palavras e dos conceitos**.

Palavras como *revolução*, *progresso*, *crise*, *Estado*, *história*, *modernidade* ou *emancipação* não possuem necessariamente o mesmo significado em 1500, 1750, 1850 e 2000.

E há uma sutileza fundamental: **história dos conceitos não é simplesmente história das palavras**.

Uma palavra pode permanecer praticamente igual enquanto seu **campo de significado histórico se transforma**. E, inversamente, diferentes palavras podem disputar ou expressar experiências históricas semelhantes.

Isso explica diretamente a orientação dada pelo professor Thiago Castañon para a atividade: ele diz que o ensaio pertence à linha de pesquisa que Koselleck denominou “**história dos conceitos**”, tendo como objeto concreto a história do conceito de **modernidade**.

A experiência pessoal de Koselleck importa

Há também um elemento biográfico importante para compreendê-lo. Koselleck pertenceu à geração alemã que atravessou a **Segunda Guerra Mundial**. Serviu no exército alemão, foi capturado pelos soviéticos e passou um período como prisioneiro de guerra.

Depois estudou história, filosofia, sociologia e áreas próximas, tornando-se um dos grandes teóricos alemães da historiografia do pós-guerra.

Sua obra acadêmica inicial importante foi ***Kritik und Krise*** (*Crítica e crise*), na qual investigou a formação do mundo burguês e as transformações políticas e intelectuais que antecederam a modernidade política.

Mais tarde, participou de um projeto monumental da historiografia alemã: o ***Geschichtliche Grundbegriffe*** — aproximadamente, *Conceitos históricos fundamentais*. A ideia era estudar historicamente conceitos fundamentais do vocabulário político e social alemão.

O ponto que interessa especialmente à PIT1

Koselleck percebeu uma transformação profunda ocorrida aproximadamente entre **1750 e 1850**. Esse período costuma ser associado em sua obra à noção de *Sattelzeit*, literalmente algo como “época-sela” — um período de transição entre uma maneira antiga e uma maneira moderna de experimentar historicamente o mundo.

É justamente aí que nossa leitura de “**Modernidade**” começa a ficar interessante.

Koselleck observa que determinados conceitos passam a incorporar **movimento e transformação**. A sociedade começa a falar cada vez mais em:

progresso → desenvolvimento → revolução → emancipação → futuro.

O próprio texto que estamos estudando dedica sua terceira grande seção à “**dimensão pragmática dos conceitos de movimento**”, discutindo justamente a transformação desses conceitos.

E isso envolve uma mudança ainda mais profunda: **a relação entre passado e futuro**.

Nas sociedades anteriores, grande parte do que se esperava do futuro podia ser compreendida pela experiência acumulada no passado. Na modernidade, entretanto, o futuro passa progressivamente a ser percebido como algo que **pode trazer aquilo que nunca aconteceu antes**.

É daí que surgirão duas expressões muito importantes em Koselleck:

espaço de experiência (*Erfahrungsraum*)

e

horizonte de expectativa (*Erwartungshorizont*).

Quando a distância entre aquilo que **já experimentamos** e aquilo que **esperamos do futuro** aumenta, estamos entrando numa característica essencial da experiência moderna do tempo.

E isso nos leva diretamente à primeira página de nosso texto. Koselleck começa dizendo que acontecimentos históricos e linguagem estão relacionados, **mas não são idênticos**. A experiência histórica não pode ser reduzida à linguagem; ao mesmo tempo, só conseguimos transformar essa experiência em história mediante linguagem.

Essa é, a meu ver, a melhor porta de entrada para a atividade.

Koselleck está estudando simultaneamente duas histórias: a mudança das palavras/conceitos e a mudança da própria maneira pela qual os seres humanos experimentam o tempo histórico.

É exatamente por isso que o professor nos pede para separar, durante a leitura, o argumento **histórico-conceitual** do argumento **teórico-historiográfico**.

Agora podemos entrar nas **pp. 267–269**: ali Koselleck praticamente apresenta as regras do jogo que utilizará nas outras trinta páginas.

Não é adequado classificar Reinhart Koselleck simplesmente como “nazista”.

Ele nasceu em 1923 e, portanto, cresceu inteiramente sob a Alemanha nazista durante sua adolescência. **Serviu na Wehrmacht durante a Segunda Guerra Mundial**, como milhões de alemães de sua geração, e foi capturado pelo Exército Vermelho em 1945, passando por um campo de prisioneiros soviético.

O ponto importante é distinguir três coisas: **ter vivido sob o regime nazista, ter servido nas forças armadas alemãs e ter sido ideologicamente nazista ou membro ativo do Partido Nazista**. Uma coisa não demonstra automaticamente a outra.

No caso de Koselleck, sua biografia posterior é marcada justamente pela tentativa de compreender historicamente as condições que produziram as catástrofes políticas do século XX. Sua experiência da guerra, da derrota alemã e do cativeiro teve influência profunda sobre seu pensamento histórico.

Há, entretanto, uma questão historiográfica interessante aqui: em vez de responder apenas “não”, vale investigar **qual foi exatamente o grau de envolvimento de Koselleck com as organizações do regime durante a juventude** — por exemplo, Juventude Hitlerista, Wehrmacht e eventual filiação partidária — porque essas categorias são frequentemente confundidas.

O material da PIT1 que temos **não fornece essas informações biográficas**; ele apresenta Koselleck apenas através de seu trabalho historiográfico.

Se quiser, posso pesquisar especificamente **a juventude de Koselleck entre 1933 e 1945 e sua relação documentada com o nazismo**. Isso pode ser bastante útil para entendermos de onde vem a preocupação dele com experiência histórica, temporalidade e ruptura.

Sim. Pesquisei especificamente a juventude de **Reinhart Koselleck** durante o Terceiro Reich, e o quadro é mais comprometedor — e também mais interessante — do que minha resposta anterior sugeria.

Há **três fatos documentados** que precisamos separar.

1. **Koselleck entrou para a Juventude Hitlerista em 1934**, quando tinha apenas **11 anos**. (de.wikipedia.org) Isso, isoladamente, diz pouco sobre convicção ideológica: a organização foi progressivamente incorporando a juventude alemã e, em março de 1939, a participação tornou-se obrigatória para jovens de 10 a 18 anos. (encyclopedia.ushmm.org)
2. O dado mais significativo é outro: **em 1941, aos 18 anos, Koselleck apresentou-se voluntariamente para servir na Wehrmacht**. Foi enviado à Frente Oriental e serviu

inicialmente na artilharia. Uma fonte acadêmica sobre *Critique and Crisis* confirma explicitamente que ele se voluntariou em 1941. (tandfonline.com)

3. **Não encontrei evidência confiável de que Reinhart Koselleck tenha sido membro da NSDAP**, o Partido Nazista. Aqui há uma confusão biográfica possível: seu pai, **Arno Koselleck**, é que ingressou no partido em 1941, segundo estudo recente sobre as memórias de Koselleck. (rcin.org.pl)

Portanto, eu reformularia minha resposta anterior assim:

Koselleck participou das instituições do regime nazista — Juventude Hitlerista e Wehrmacht — e voluntariou-se para o serviço militar; mas isso não basta para afirmar que ele tenha sido membro do Partido Nazista ou que possamos classificá-lo, sem qualificação, como um intelectual ideologicamente nazista.

Há ainda um episódio biográfico extraordinário. Em maio de **1945**, Koselleck caiu prisioneiro dos soviéticos. Foi enviado inicialmente para trabalhos de remoção de escombros em **Auschwitz** e posteriormente para o campo de prisioneiros de **Karaganda, no Cazaquistão**, onde permaneceu até 1946. (de.wikipedia.org)

Segundo relatos autobiográficos utilizados pela literatura acadêmica, foi em Auschwitz, já como **alemão derrotado e prisioneiro**, que Koselleck tomou consciência concreta da dimensão do Holocausto. (tandfonline.com)

Depois de retornar à Alemanha, passou por um programa britânico de “**re-education**”/desnazificação e, em 1947, começou seus estudos universitários em Heidelberg. (gat.hszg.de)

Isso começa a tocar diretamente nossa PIT1.

Koselleck tinha 12 anos quando foram promulgadas as Leis de Nuremberg; 16 quando começou a guerra; 18 quando foi para o exército; 22 quando o Reich desmoronou e ele se tornou prisioneiro; 23 quando voltou para uma Alemanha destruída.

Portanto, quando encontramos no texto da PIT conceitos como **experiência, acontecimento, ruptura, passado, futuro, progresso** e sobretudo a distância entre aquilo que as pessoas **esperam que aconteça** e aquilo que efetivamente **experimentam**, existe uma biografia por trás disso que não devemos ignorar — embora também não devemos reduzir sua teoria à sua biografia.

E apareceu durante a pesquisa uma pista que considero ainda mais importante para compreendermos intelectualmente Koselleck: **Carl Schmitt** esteve entre os pensadores com quem ele manteve contato durante sua formação no pós-guerra. (gat.hszg.de)

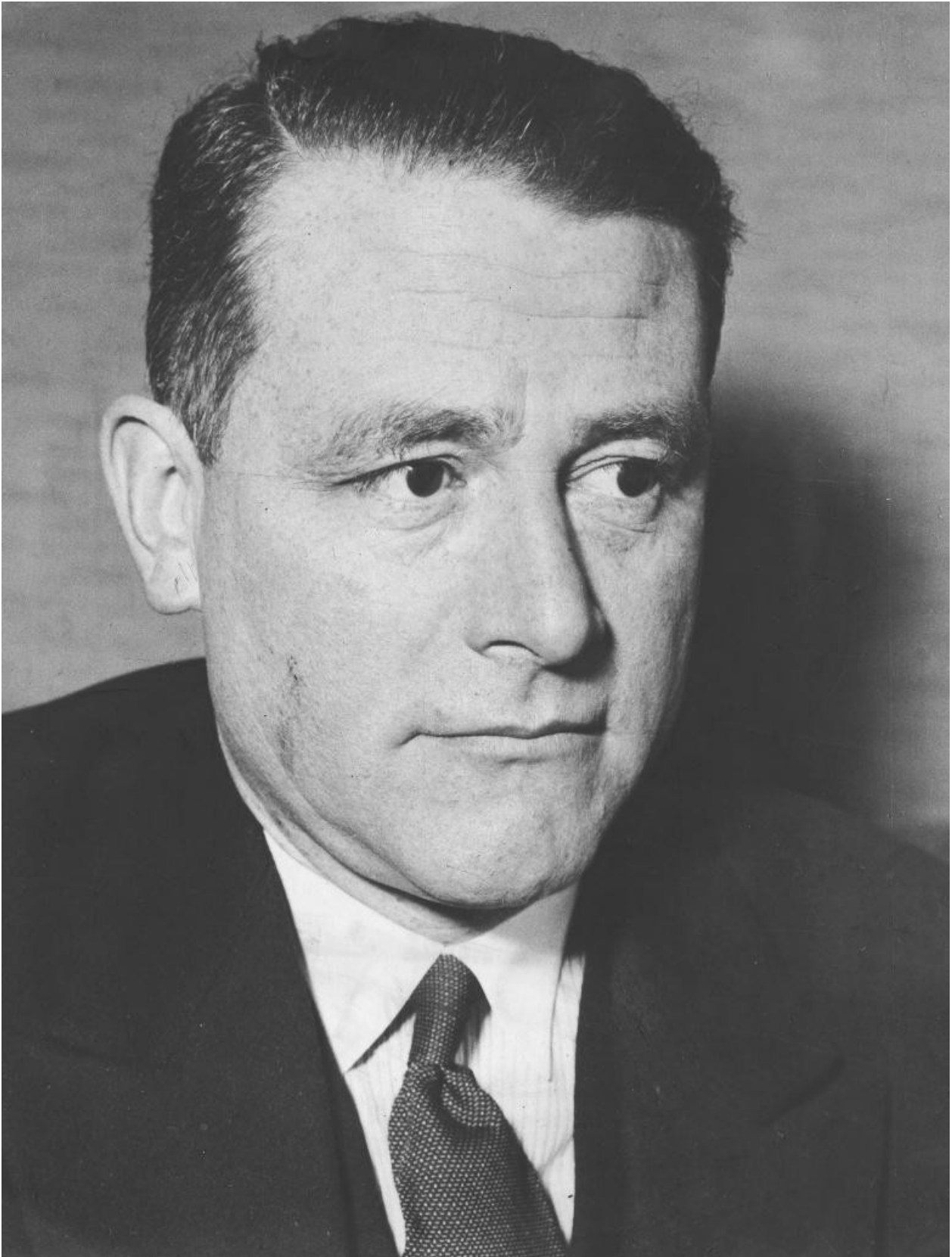
Aí a questão do nazismo fica intelectualmente bem mais delicada, porque **Carl Schmitt foi efetivamente membro do Partido Nazista e um importante jurista associado ao regime**. Antes de entrarmos nas pp. 267–269, acho que vale examinarmos por alguns minutos **Koselleck ↔ Carl**

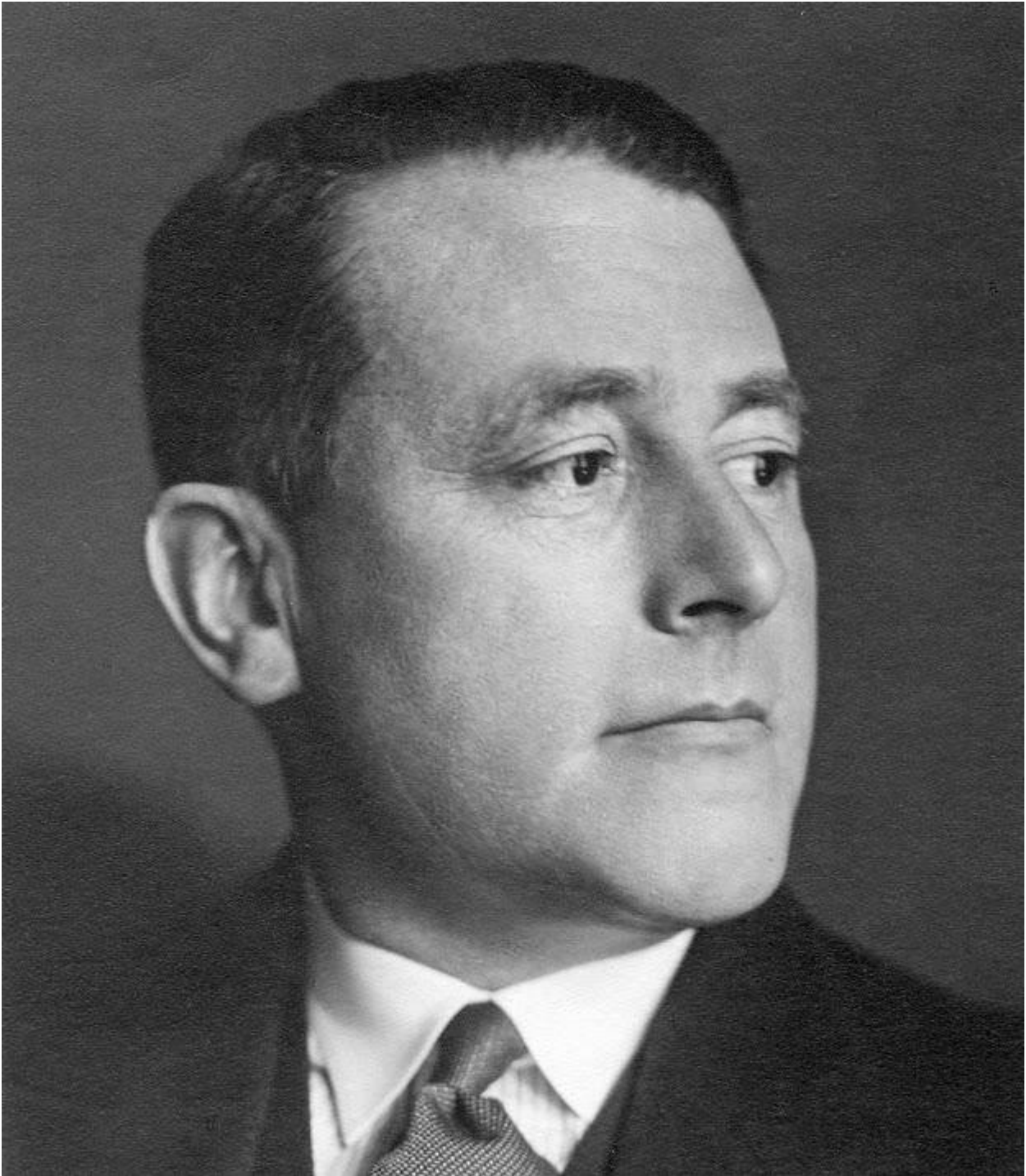
Koselleck & Carl Schmitt

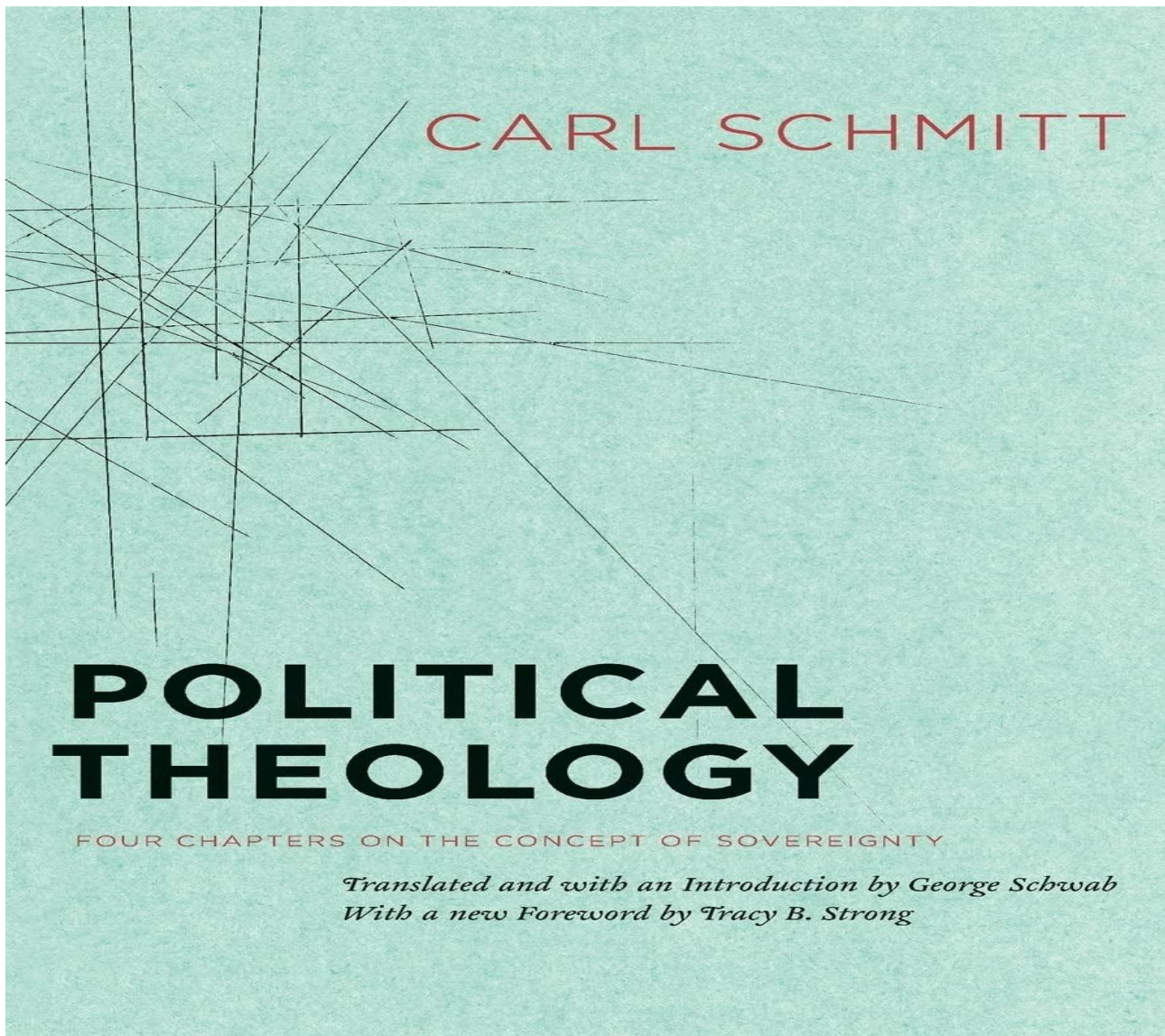
Schmitt: isso ajuda a entender de onde vem parte da desconfiança de Koselleck em relação a ideias universais de “progresso” histórico.

Carl Schmitt (1888–1985) foi um **jurista, constitucionalista e teórico político alemão**, e aqui a relação com o nazismo é muito mais inequívoca do que no caso de Koselleck.

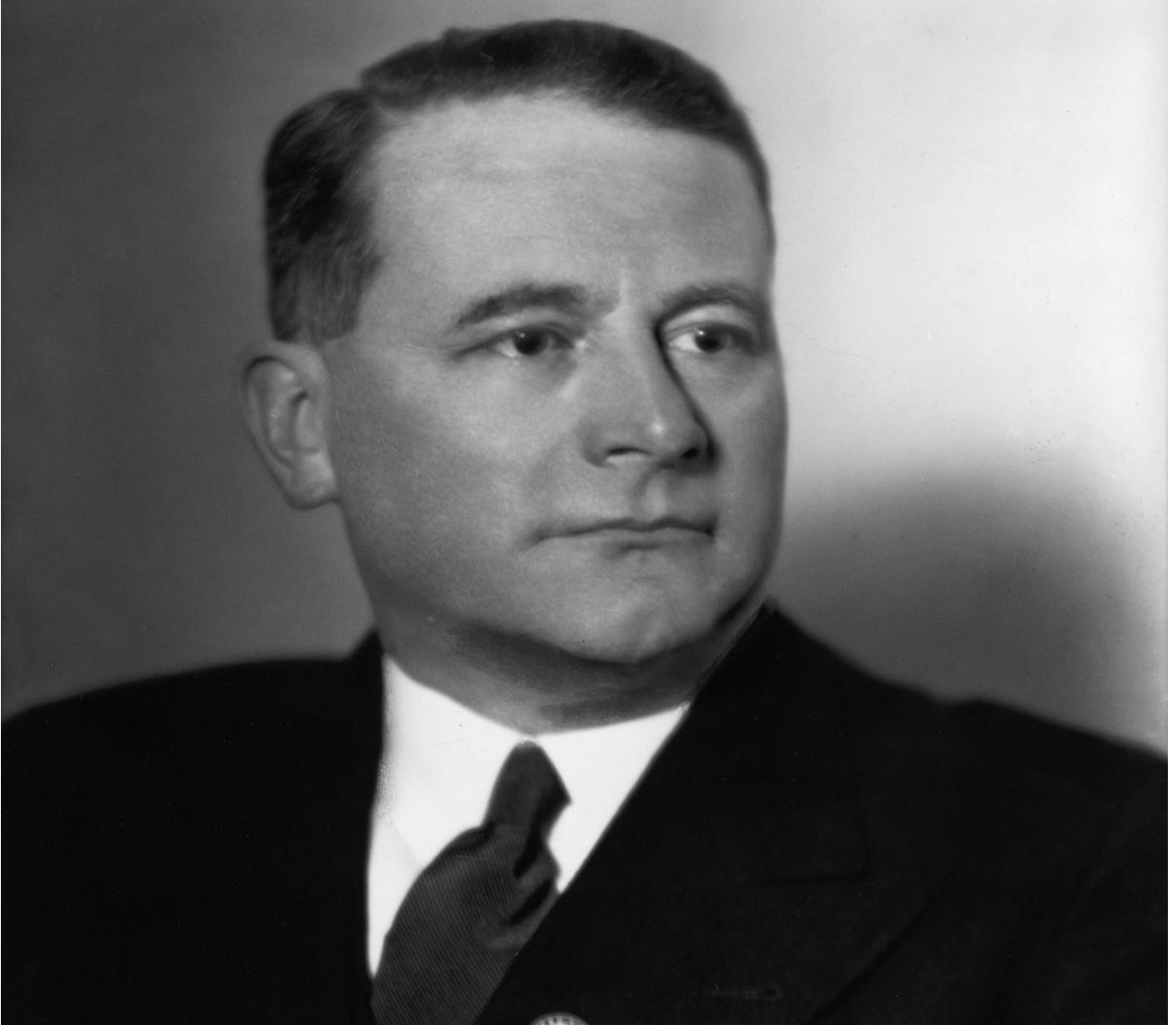
Koselleck & Carl Schmitt







Koselleck & Carl Schmitt





O pensador

Schmitt dedicou boa parte de sua obra a uma pergunta bastante concreta: **quem realmente detém o poder político?**

Uma de suas formulações mais famosas aparece em *Teologia Política* (1922):

“Soberano é quem decide sobre o estado de exceção.”

A ideia é provocadora. Constituições e leis estabelecem regras para situações normais. Mas imagine uma guerra civil, invasão, golpe, insurreição ou colapso institucional. Alguém terá de decidir:

“As regras normais não bastam. Estamos numa situação excepcional.”

Para Schmitt, descobrir **quem possui o poder de tomar essa decisão** revela onde está efetivamente a soberania.

Daí sua crítica ao liberalismo parlamentar. Ele desconfiava da ideia de que a política pudesse ser reduzida a discussão racional, procedimentos jurídicos e negociação parlamentar.

Amigo e inimigo

Outro conceito fundamental aparece em *O conceito do político* (*Der Begriff des Politischen*).

Schmitt procura encontrar aquilo que seria **especificamente político**, assim como belo/feio pertenceria à estética ou lucro/prejuízo à economia.

Sua resposta é:

amigo ↔ inimigo.

Não significa simplesmente gostar ou não gostar de alguém. O **inimigo político** é um grupo humano percebido como ameaça existencial a outro grupo.

Por isso a política, para Schmitt, contém sempre a possibilidade extrema do conflito.

Essa concepção terá enorme repercussão posterior — inclusive entre autores que rejeitam completamente as posições políticas de Schmitt.

E aqui chegamos ao nazismo

Nesse caso não estamos diante apenas de alguém que viveu sob Hitler.

Carl Schmitt filiou-se ao Partido Nazista em 1933.

Além disso, ocupou posições institucionais importantes durante o regime, procurou fornecer justificações jurídicas ao novo Estado e tornou-se uma figura destacada entre os juristas nacional-socialistas. Sua associação com o regime é, portanto, substantiva, não apenas circunstancial. ([Wikipedia](#))

Uma das questões mais graves foi sua atuação depois da **Noite das Facas Longas**, em 1934, quando Hitler ordenou uma série de assassinatos políticos. Schmitt publicou o texto *Der Führer schützt das Recht* — **“O Führer protege o Direito”** — procurando fornecer uma justificação jurídica para a atuação de Hitler.

Há também **antisemitismo explícito** em sua atuação e em textos desse período.

Portanto, diferentemente da cautela necessária para classificar Koselleck, podemos dizer:

Carl Schmitt aderiu ao nazismo e colocou seu prestígio e seu pensamento jurídico a serviço do regime.

Isso não significa, porém, que todas as ideias de Schmitt tenham sido inventadas pelos nazistas. Obras fundamentais como *Teologia Política* (1922) e versões iniciais de *O conceito do político* são anteriores a 1933.

Curiosamente, os próprios nazistas passaram a desconfiar dele

A partir de 1936, setores da SS atacaram Schmitt, questionando a sinceridade de seu nacional-socialismo e lembrando suas relações anteriores com judeus e adversários do nazismo. Ele perdeu parte de suas posições de destaque, embora tenha permanecido professor e membro do partido.

Isso criou depois da guerra uma questão controversa: Schmitt tentou apresentar-se parcialmente como alguém que havia sido marginalizado pelo próprio nazismo. Mas isso **não apaga sua adesão e colaboração anteriores**.

E então aparece Koselleck

Aqui nossa investigação fica realmente interessante.

Koselleck conheceu Schmitt no começo dos anos 1950. Não foi apenas um encontro ocasional. Eles mantiveram correspondência entre 1953 e 1983 — mais de cem cartas — hoje publicada como *Der Briefwechsel 1953–1983*. ([Suhrkamp Verlag](#))

E Koselleck reconheceu a importância intelectual de Schmitt para sua formação. A correspondência mostra-o dizendo que seus estudos em Heidelberg seriam dificilmente concebíveis sem as obras de Schmitt e que *Kritik und Krise* não teria sido escrito da mesma maneira sem aquelas discussões. ([Wiley Online Library](#))

Mas aqui precisamos evitar uma conclusão precipitada:

influência de Schmitt ≠ adesão política de Koselleck a Schmitt.

A pesquisa contemporânea justamente discute quanto dessa influência foi conceitual, metodológica e política. Há trabalhos que mostram Koselleck desenvolvendo progressivamente uma posição teórica autônoma e parcialmente divergente da de Schmitt. ([Cris](#))

E encontramos uma ligação particularmente importante para a nossa leitura da PIT1. Estudos brasileiros também identificam aproximações entre os dois justamente na **crítica à filosofia da história, à ideia de progresso e ao liberalismo**, além de possíveis aproximações metodológicas entre a “sociologia dos conceitos” de Schmitt e a futura **história dos conceitos** de Koselleck. ([Periódicos UnB](#))

Isso muda um pouco a maneira como eu leria nosso texto de 1977.

Quando Koselleck examina palavras como **progresso, revolução, emancipação, desenvolvimento e modernidade** e se recusa a tratá-las simplesmente como descrições neutras de um avanço

Koselleck & Carl Schmitt

objetivo da humanidade, existe atrás dele toda uma tradição de crítica às filosofias progressistas da história — e **Schmitt é uma das influências dessa formação intelectual**.

Mas Koselleck fará algo muito próprio: em vez de simplesmente atacar politicamente a ideia de progresso, ele pergunta **quando “progresso” adquiriu determinado significado, que experiência histórica tornou esse significado possível e como esse conceito passou a modificar as expectativas das pessoas sobre o futuro**.

Essa diferença é crucial para entendermos por que Koselleck se tornou historiador dos conceitos, e não simplesmente um discípulo de Carl Schmitt. ([Wiley Online Library](#))

Na próxima etapa das pp. **267–269**, vale manter Schmitt discretamente “no fundo da sala”. Não precisamos encontrá-lo em cada frase de Koselleck, mas agora sabemos por que certas perguntas que Koselleck faz sobre **história, linguagem, experiência e progresso** têm uma genealogia intelectual bem mais complicada do que parecia inicialmente.

Obras de Koselleck

Koselleck publicou **livros autorais, coletâneas de ensaios, obras em coautoria e grandes obras coletivas**, além de muitos artigos. A cronologia das **principais obras em livro**, pela primeira publicação alemã, fica assim:

Ano	Obra original	Em português / observação
1954	<i>Kritik und Krise</i>	Tese de doutorado, ainda não publicada como livro. (U-Cursos)
1959	<i>Kritik und Krise. Ein Beitrag zur Pathogenese der bürgerlichen Welt</i>	Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. É seu primeiro grande livro. (Biografia Alemã)
1967	<i>Preußen zwischen Reform und Revolution. Allgemeines Landrecht, Verwaltung und soziale Bewegung von 1791 bis 1848</i>	Prússia entre Reforma e Revolução. Resulta de sua habilitação. (Biografia Alemã)
1969	<i>Das Zeitalter der europäischen Revolution 1780–1848</i>	A era/época da Revolução Europeia, 1780–1848 , com Louis Bergeron e François Furet. (Biografia Alemã)
1972–1997	<i>Geschichtliche Grundbegriffe. Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland</i>	Conceitos históricos fundamentais. Grande léxico dirigido/editado com Otto Brunner e Werner Conze; vários volumes. É central para a <i>Begriffsgeschichte</i> . (Cambridge University Press)
1979	<i>Vergangene Zukunft. Zur Semantik geschichtlicher Zeiten</i>	Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. É provavelmente sua obra teórica mais conhecida. (Biografia Alemã)
1979	<i>Historische Semantik und Begriffsgeschichte</i>	Semântica histórica e história dos conceitos , obra organizada por Koselleck. (Cambridge University Press)
1987	<i>Hermeneutik und Historik</i>	Com Hans-Georg Gadamer ; confronto particularmente interessante entre hermenêutica e teoria da história. (Wikipedia)
1994	<i>Der politische Totenkult. Kriegerdenkmäler in der Moderne</i>	Sobre monumentos aos mortos de guerra e memória política. (Wikipedia)
1997	<i>Goethes unzeitgemäße Geschichte</i>	Estudo relacionado a Goethe e à experiência histórica. (Wikipedia)
2000	<i>Zeitschichten. Studien zur Historik</i>	Estratos do tempo: estudos sobre história. Outra obra fundamental de sua teoria do tempo histórico. (Biografia Alemã)

Ano	Obra original	Em português / observação
2006	<i>Begriffsgeschichten. Studien zur Semantik und Pragmatik der politischen und sozialen Sprache</i>	Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. (Biografia Alemã)

Há ainda livros **póstumos**, formados sobretudo por textos, conferências e materiais de Koselleck, como *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte* (2010), além das correspondências posteriormente publicadas com Carl Schmitt e Hans Blumenberg. A própria editora [Suhrkamp — obras de Reinhart Koselleck](#) mantém várias dessas edições.

E onde está o nosso texto da PIT1?

Aqui aparece algo muito útil para nossa leitura.

1977 — “‘Neuzeit’. Zur Semantik moderner Bewegungsbegriffe”

→ **“‘Modernidade’. Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade”.**

A própria atividade do professor informa **1977** como a data do texto original.

Posteriormente ele foi incorporado a *Vergangene Zukunft* (1979) — *Futuro passado*. Portanto, nosso ensaio pertence precisamente à fase de maturação da obra pela qual Koselleck se tornou mais conhecido.

Isso nos dá uma cronologia intelectual bastante interessante:

1959 — *Crítica e crise*

↓

1967 — *Prússia entre Reforma e Revolução*

↓

1972 — início dos *Geschichtliche Grundbegriffe*

↓

1977 — “Modernidade” ← NOSSO TEXTO

↓

1979 — *Futuro passado*

↓

2000 — *Estratos do tempo*

↓

2006 — *Histórias de conceitos*

E há uma coincidência importante: **1977**, data do nosso ensaio, é justamente o momento em que Koselleck está profundamente envolvido no gigantesco projeto dos *Geschichtliche Grundbegriffe*. Isso ajuda muito a explicar por que o professor caracteriza o texto da PIT1 explicitamente como um exercício de “**história dos conceitos**”.

Se quisermos compreender a evolução do pensamento de Koselleck, portanto, eu prestaria atenção especialmente a **1959 → 1967 → 1977/79 → 2000**. Essa sequência mostra muito bem como ele vai da história política e crítica da modernidade para uma teoria cada vez mais sofisticada do **tempo histórico**.